

AJUDA HUMANITÁRIA

SAÚDE

Diretor da ONG Médicos Sem Fronteiras sugere ao governo brasileiro a adoção de uma política que priorize a pesquisa de remédios destinados a curar doenças que afetam os mais pobres

Rodrigo Caetano
Da equipe do **Correio**

Das 1.233 novas drogas desenvolvidas entre 1975 e 1997, apenas 1% era destinado ao tratamento de doenças tropicais como malária, tuberculose, doença de Chagas e esquistossomose, que matam 13 milhões de pessoas por ano. São enfermidades associadas a condições de subdesenvolvimento que não dão lucro. "Isso acontece porque não há interesse comercial dos laboratórios farmacêuticos na pesquisa e desenvolvimento de drogas que combatam essas enfermidades", critica o fran-

cês Bernard Pécoul, diretor da Campanha de Acesso a Medicamentos Essenciais da organização **Médicos Sem Fronteiras (MSF)**.

De origem francesa — Medecins Sans Frontieres — a entidade ganhou o prêmio Nobel da Paz em 1999. A partir daquela data, a ação política da organização se tornou mais visível aos olhos do mundo. Pécoul está no Brasil para conversar com autoridades como o ministro da Saúde, José Serra, e de Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg. Além das conversas, a organização assinou com o governo federal um acordo de cooperação técnica para capacitar profissionais brasileiros nos programas de assistência às nações africanas.

Mas os Médicos Sem Fronteiras querem mais:

pressionarão as indústrias farmacêuticas a baixar os preços de certos medicamentos, como as drogas que combatem a Aids, e conversarão com líderes de alguns países para que eles incentivem a pesquisa científica e o desenvolvimento de remédios para essas doenças que a entidade francesa chama de "negligenciadas".

Em entrevista ao **Correio**, na terça-feira, ainda quando estava em Cuiabá (onde participava do IV Congresso Nacional de Prevenção de DST/Aids), o diretor da campanha elogiou a política brasileira de combate à Aids e a guerra da quebra de patentes na Organização Mundial do Comércio (OMC). "É um exemplo para o mundo", disse Pécoul. Falou também que os avanços nos cam-

pos da medicina e da genômica podem demorar a chegar a população. "É necessário políticas governamentais para isso, principalmente, de desenvolvimento social".

É a segunda vez que o físico francês de 45 anos visita o Brasil. A primeira foi em 1979. O médico trabalhou por três meses em um hospital na Guiana Francesa, depois passou por Belém, Salvador e Rio de Janeiro. Agora, Pécoul está percorrendo algumas capitais indo do Rio a Cuiabá, passando por Brasília e São Paulo. A organização tem orçamento de US\$ 350 milhões por ano em todo o mundo. O dinheiro vem de doações de entidades públicas e privadas nos cinco continentes.

ENTREVISTA/BERNARD PÉCOUL

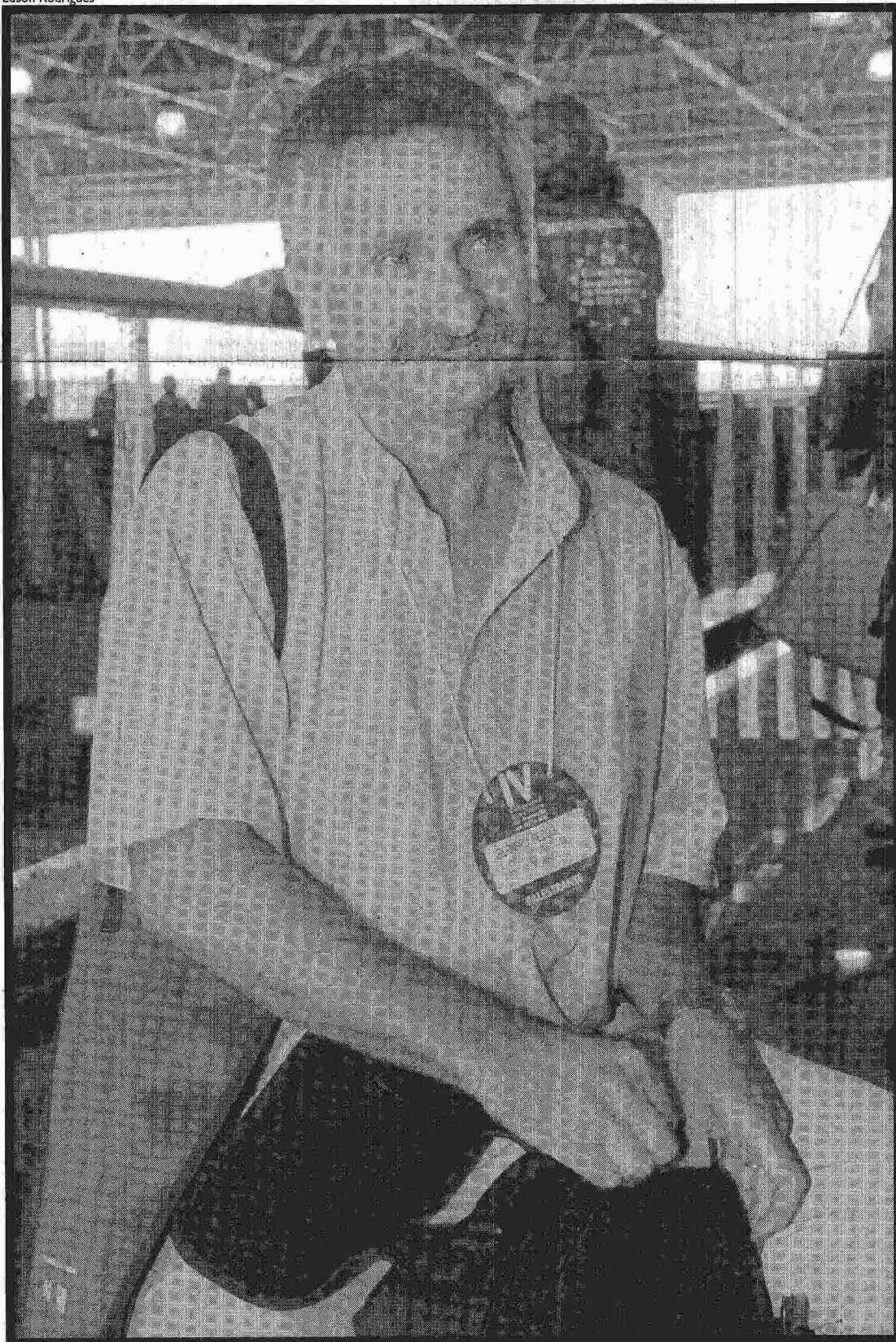
CORREIO BRAZILIENSE — Como o senhor viu a luta do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC) para reduzir o preço dos medicamentos contra a Aids? **BERNARD PÉCOUL** — A campanha do Médico Sem Fronteiras apóia a atitude brasileira nas negociações e na luta para um acesso universal aos medicamentos contra a Aids. Isso porque utiliza a capacidade de barganha do governo como entidade compradora para pressionar a redução do preço dos medicamentos. A nação brasileira pode ser modelo para o resto do mundo pois outros governos podem usar a mesma estratégia. No fundo, devem utilizá-la.

CORREIO — O senhor acha que deveria ser adotada a mesma postura de luta por baixos preços em relação a outros tipos de medicamentos? **PÉCOUL** — Sim. Todos os medicamentos possíveis. Só isso já traria grandes consequências para a população mundial. É um absurdo o que acontece hoje. Por isso vamos a fundo na Campanha de Acesso a Medicamentos Essenciais. Somas milionárias são investidas pela indústria farmacêutica na procura de soluções para problemas como a obesidade, mas doenças como a malária e a tuberculose, que matam quase 5 milhões de pessoas por ano, não atraem investimentos. Das 1.233 novas drogas desenvolvidas entre 1975 e 1997, apenas 1% era destinado ao tratamento de doenças tropicais, que são as mais comuns nos países mais pobres.

CORREIO — Qual será a tônica das conversas com as autoridades brasileiras, principalmente, com os Ministros da Saúde, José Serra, e da Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg?

PÉCOUL — Além de um acordo de cooperação técnica entre o governo brasileiro — via Ministério da Saúde — e o MSF, há outros dois assuntos principais. Queremos sensibilizar os dois ministros para que eles pensem e criem políticas nacionais de pesquisas científicas e desenvolvimento tecnológico para fabricação de medicamentos para doenças de países pobres que não interessam às indústrias farmacêuticas. A Aids é um mal que atinge ricos e pobres, por isso alguns laboratórios produzem drogas para combatê-las. Esse é o segundo ponto: o preço dos remédios. Quando existem, são muito caros. É necessário investir contra os preços exorbitantes adotando a política de genéri-

Edson Rodrigues



cos, estimulando a produção local e, em casos urgentes, quebrar patentes como o **Brasilfez**.

CORREIO — Como os avanços modernos da medicina e da genômica vão beneficiar a população mais pobre que, por conseguinte, é a que mais precisa desses resultados práticos?

PÉCOUL — Tudo vai depender da capacidade dos governos em se posicionar favoravelmente ao interesse da sociedade. Os avanços nesses campos — medicina e genômica — ainda não foram convertidos em desenvolvimentos sociais. Nossos programas mais importantes pelo mundo estão concentrados em 50% na África. Além

da Aids, doenças como malária, leishmaniose e esquistossomose matam milhares de pessoas. A medicina e a genômica têm de ajudar a solucionar esses problemas.

CORREIO — Como o Prêmio Nobel recebido em 1999, influenciou o trabalho da organização?

PÉCOUL — O prêmio abriu as portas para o nosso trabalho de defesa de preços mais baratos. Deu notabilidade, renome ao Médico Sem Fronteira. Reforçou a credibilidade em países que a organização já atuava e começou a divulgar nosso trabalho em outras nações como o Brasil, onde existimos desde 1991. Agora, com o prêmio, as

atividades estão sendo melhor divulgadas. Por causa disso, podemos levar adiante uma campanha tão importante como a de acesso a medicamentos essenciais. Mas o Nobel não mudou nossas atividades cotidianas. As dificuldades continuam as mesmas no nosso dia-a-dia.

CORREIO — Por que e como o senhor decidiu trabalhar no Médico Sem Fronteiras?

PÉCOUL — Comecei a trabalhar desde estudante em causas sociais. Em 1979, trabalhei três meses num hospital na Guiana Francesa. Entrei para o Médico Sem Fronteira em 1982. Trabalhei no Peru, Honduras, Tailândia e em muitos países africanos.

COMO FOI FUNDADA

A organização foi criada em 1971, por um grupo de jovens médicos franceses que trabalhavam com a Cruz Vermelha, em Biafra, em 1968. Eles não aceitaram as limitações impostas à Cruz Vermelha, que tem suas atividades definidas pelos Convênios de Genebra. Surgiu então a ideia de criar uma organização independente, que pudesse denunciar abertamente a situação vivida pelas populações carentes. Apesar dessa diferença, os Médicos Sem Fronteiras (MSF) consideram que o Comitê Internacional da Cruz Vermelha cumpre um papel indispensável, e as duas organizações trabalham frequentemente em parceria.



TRABALHOS NO MUNDO

Seus médicos são todos voluntários e a organização é mantida por doações. O MSF já atuou em mais de 80 países como Turquia (terremotos), Honduras (furacão), Vietnã, Somália, Ruanda, Zaire, Congo, Bósnia, Kosovo, Chechênia (guerra civil). Uma das cidades assistidas pelo programa foi Ajiep, numa província ao sudeste do Sudão. Os médicos montaram tendas improvisadas para atender as pessoas desnutridas da região.

TRABALHO NO BRASIL

A organização Médicos Sem Fronteiras conta hoje, no Rio de Janeiro, com cerca de 80 pessoas trabalhando nos projetos. O MSF chegou ao Brasil em 1991, para trabalhar no combate a uma epidemia de cólera entre populações indígenas na Amazônia. Hoje, essa equipe está baseada em Manaus e desenvolve projetos de assistência à saúde para várias etnias e populações ribeirinhas. Em 1993, uma segunda equipe chegou ao Rio — pouco tempo antes da chacina da Candelária. Um primeiro projeto foi desenvolvido com meninos de rua. A partir de 1994, os voluntários do MSF passaram a trabalhar com a comunidade do Parque Proletário de Vigário Geral e instalaram um posto de saúde. A partir da experiência de três anos, a organização ampliou seu trabalho no Rio. Hoje, são quatro projetos em andamento.

NOBEL

O prêmio Nobel da Paz de 1999 foi concedido à organização Médicos Sem Fronteiras (MSF). Um dos fundadores do grupo, o médico Bernard Kouchner, declarou na época que, no momento, em que soube do prêmio "estava pensando em todas as pessoas que tinham morrido sem ajuda". A organização destinou o dinheiro do prêmio, perto de US\$ 1 milhão, ao financiamento das várias ações da campanha. Essa não foi a primeira vez que um Nobel da Paz é concedido a uma organização humanitária ligada à medicina. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha, fundado pelo suíço Henri Dunant (que ganhou o primeiro Nobel da Paz, em 1901), já foi premiada três vezes: em 1917, 1944 e 1963. A organização Médicos Internacionais pela Prevenção da Guerra Nuclear também foi recebuu prêmio em 1985.

